

MINAS: TEMPO E MEMÓRIA

MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA *

RESUMO

O artigo analisa as relações entre a produção de memórias e as especificidades da história de Minas. No plano simbólico, busca as conexões entre a criação de um imaginário mineiro — a mineiridade — e a emergência de um memorialismo de cunho universalizante.

* Professora da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. Doutora em Sociologia (USP).

O memorialismo mineiro encontra-se profundamente enraizado nas peculiaridades da história de Minas Gerais. Tais especificidades resultam, em grande medida, do ritmo particular da região, produtor de uma vida societária que, a partir dos fins do século XVIII, lastreou-se, predominantemente em relações sociais imediatas.

A Capitania de Minas, durante o auge minerador, vivia imersa numa temporalidade regida externamente. A condição de supridora de metais e pedras preciosas fez das Minas o centro das preocupações do Império Português. Assim, a personalidade da colônia mineradora desenhou-se no rígido controle imposto pela Metrópole, combinada à vida social que despontara nos centros urbanos, criadora de sociabilidade específica, quando comparada às outras regiões da Colônia Brasil e, por fim, no ambiente de insatisfação e resistência às normas ferrenhas. Em suma, a cadência das Minas reverbera os sons da partitura executada na Europa. A pequena Metrópole portuguesa perdera, há muito, a sua importância, inserindo-se de forma subordinada no concerto europeu. Em decorrência, a temporalidade das Minas encontrava-se inserida nos movimentos de expansão capitalista, subjugada à expansão do ritmo europeu. Posteriormente, nos fins do século XVIII e claramente ao longo do XIX, a temporalidade de Minas assume novo compasso.

Ao esgotamento das lavras segue-se a ruralização, transformando a fazenda mineira em microcosmo do universo material, social e cultural.¹ É o centro da vida e, portanto, o fulcro da história de Minas. O ritmo do tempo, nessas condições, adquire outra intensidade, torna-se modorrento, quase parado. Nada de realmente novo

parece acontecer, tudo reduz-se à longa duração do quotidiano, aprisionado e contido no predomínio das relações imediatas. De outro lado, a configuração oitocentista — chamemo-la assim — em si mesma não parece fecunda; situações sociais semelhantes ocorreram, sem que nada de particular resultasse. O peculiar provém da junção entre o passado urbano e cultivado, com o universo rural e um tanto rústico da fazenda mineira. A autonomia relativa de Minas oitocentista expressa no universo da fazenda mista e de caráter auto-suficiente, abriu espaço às invenções da tradição, vivendo-as como se fossem eternas.

É de notar, todavia, que em Minas oitocentista o processo de ruralização não conseguiu destruir *in totum* a vida urbana, uma vez que a estrutura produtiva ligada ao mercado interno, recria um espaço social dotado de maior autonomia e faz nascer, por isso mesmo, várias pequenas cidades. Além do mais, as imagens ligadas aos metais e às pedras preciosas continuaram vicejando no período posterior. Fortemente acalentado nas antigas cidades mineradoras, esmaecidas nas outras partes da Província, jamais esteve totalmente ausente. Nesse sentido, o ritmo modorrento, característico de grande parte da vida social de Minas durante o século XIX, concorreu para conservar, nas mentes dos mineiros, as imagens gloriosas do passado. Aliás, a própria preservação do tempo anterior, ao fazer parte do universo social seguinte, já aponta para as peculiaridades dessa sociedade, que continuou a olhar para trás, com um misto de nostalgia e de apreço exagerado, demonstrando o aparecimento de certo deslocamento entre as visões que se formaram e a realidade das Minas setecentistas.

Noutro plano, a permanência dos dias passados no imaginário demonstra a incapacidade da teia social de gerar novos projetos ou, pelo menos, a incapacidade de uma classe social em lidar, adequadamente, com a sua realidade e controlar, com mais segurança, as virtualidades futuras. E de fato, ainda que a estagnação ou a decadência não tenha ocupado todo o universo social de Minas, o que se seguiu rompeu a dinâmica anterior. A ligação exagerada com o passado, já expressa o deslocamento entre a realidade oitocentista e setecentista. Concomitantemente, a tendência ao ritualismo marca os padrões da convivência social, dentre os quais o forte apego ao passado é uma das manifestações. O memorialismo mineiro será nutrido, em grande parte, pela revivescência ritual desse passado.

A realidade social de Minas, no século XIX, ao encaminhar-se para certa autonomia, criou uma sub-cultura singular, fruto do

amalgama entre o passado e o presente, que se poderia denominar por *mineirismo*. O mineirismo constituiu-se, portanto, na expressão de uma sub-cultura regional. A manifestação quotidiana do mineirismo é a *mineirice*, enquanto um modo de aparecimento das práticas sociais inerentes aos mineiros e que servem para distingui-los de outros tipos regionais. A *mineiridade* exprime, em contrapartida, uma visão que se construiu a partir da realidade de Minas e das práticas quotidianas dos mineiros. Por fundar a figura abstrata dos mineiros e conectá-los à sua origem — o passado ilustrado setecentista — a mineiridade tem as características do mito. Esses, ao identificarem-se com essa construção, absorvem o pensamento mítico e colaboram para a sua permanência. Memorialistas e escritores, ao navegarem no mar dessas concepções, reproduzem o imaginário tecido sobre Minas. Em suma, sob várias formas expressivas e em diferentes momentos, a mineiridade permeia a produção cultural dos mineiros, em cujo processo as memórias são produções marcantes. A memorialística mineira impregnou-se, pois, dos eflúvios da mineiridade.

Esta produção memorialística de Minas não é apenas extremamente vasta; mas, sobejamente imbuída das particularidades dos mineiros e das especificidades do Estado. Nesse sentido, poderíamos afirmar que os memorialistas mineiros encontram-se impregnados de um forte sentimento da mineiridade, entendida, nesse passo, na sua dimensão exclusivamente identificadora. Isto é, tais obras localizam-se no centro do imaginário de Minas e contribuem, significativamente, para recriá-lo e revivecê-lo. Esses memorialistas, quando voltam-se para as singularidades das suas histórias, ao dirigirem-se para o seu passado e ao tentarem recuperar as suas identidades, empreendem uma viagem na companhia dos seus conterrâneos. Em termos mais explícitos, queremos ressaltar o tão decantado caráter dos mineiros, como componente mediador dessas auto-expressões, permeando o fluxo narrativo e imiscuindo-se nas lembranças. Os memorialistas de Minas possuem o sentimento marcante da sua origem e definem-se como mineiros, para além da percepção de pertencerem a uma cidade, uma vila, uma propriedade rural. Por isso, em grande parte das memórias, entra em cena a aura indefinível e envolvedora da mineiridade. As memórias, desse ponto de vista, localizam-se no centro do terreno entre os codificadores do mito e a produção literária dos mineiros, demarcando a dupla fronteira de um universo comum. A produção dos memorialistas situa-se, pois, na faixa intermediária, delimitando a concepção mítica do discurso literário.

Para mais, a fixação de Minas nessas autobiografias, que por si só seria extremamente atraente, resulta de uma absorção particular do tempo, perpassando a feitura da obra. Com frequência, despontam reflexões sobre o gênero memorialístico, além da incorporação da linguagem poética.³ A ligação com Minas aflora tanto nos livros densos e elaborados, quanto nos mais prosaicos. Nas memórias de Nava, “há uma identificação com esses supostos traços culturais e psicológicos mineiros”.³ Há, para além disso, a demonstração de uma busca incessante do caráter mineiro, do perfil das suas cidades, das regiões mais inerentemente típicas de Minas, enfim, toda uma tentativa de rastrear as origens e de afastar os componentes espúrios.⁴ A partir de Minas, o autor busca conceber a identidade cultural brasileira, como se fosse natural, passar por aí para pensar o conjunto. Nessas palavras, exorta a pureza da raiz lusitana: “O Brasil é sempre menos de portugueses imigrantes e mais de indesejáveis entrantes ... Eu sei que não é possível princípios racistas no Brasil. Mas ao menos tenhamos uma imigração onde se procure manter a boa unidade do galinheiro. Não falo em unidade racial, Deus me livre! Peço é unidade cultural ... Mantenha-mo-nos um pouco caboclos (orgulhosamente), bastante mulatos (gloriosamente), mas, principalmente, sejamos lusitanos. Vinde a nós, *portugas, galegos*”.⁵ Quando o Brasil não entra em cena, Minas costuma fazer-se presente: “O tom saudosista recorta toda a obra, embora, em nenhum momento, dê a impressão de ‘uma Minas’ que já foi perdida”.⁶ Tanto no primeiro, quanto no segundo exemplos, o enfoque autobiográfico aloja-se no interior de um universo mais geral, — Minas e o Brasil — rompendo, por essa via, o imediatismo das lembranças ancoradas no estrito círculo das vivências singulares.⁷

Os livros de Pedro Nava encontram-se repletos de indagações sobre a natureza do gênero memorialístico. No conjunto dessas passagens, pode-se perceber a emergência de toda uma reflexão, que se insere no interior dos problemas universais da vida. Para o autor, “escrever memórias é um ajuste de contas do eu com o eu e é ilícito mentir a si mesmo. Essa franqueza assenta em quem escreve se amparando, assistindo, socorrendo — na solidão terrível da existência. Seria insensato não aproveitar tal ocasião de darmos a nós mesmos o que pudermos de verdade e companhia”.⁸ Assim, a memorialística conecta-se às dimensões mais gerais da trajetória humana, resultando da “solidão terrível da existência”. A produção

de textos de cunho inerentemente pessoal desdobra-se, também, na possibilidade de empreender-se uma auto-análise, definida na procura incessante da própria verdade. As memórias, por fim, ganham contornos universais na medida em que, através delas, conseguimos nos oferecer um motivo de ruptura com o nosso isolamento, percebido no prisma intrinsecamente pessoal, mas suplantado, depois ao instaurarmos a essência do nosso íntimo. "Escrever memórias é animar e prolongar nosso *alter ego*".⁹ Mas expressar-se dessa forma é "fazer tábua rasa das imposições familiares, das vexações do interesse material, do constrangimento idiota da vida social. Impõe-se a tomada cilicial do que João Ribeiro batizou a 'filosofia do exílio'. Não só no sentido dado pelo mestre ao isolamento necessário ao trabalho, mas principalmente, à obrigatória ruptura com os próximos e destes sobretudo com aqueles a quem só nos liga exclusivamente o costume, a convivência, a mera coincidência — jamais a verdadeira afeição ... O que convém dizer é que lembrando estamos provocando o esquecimento. Depois de escrito, o que foi ressuscitado estará, então, definitivamente morto".¹⁰ Por isso, o memorialismo, quando provoca o aparecimento da própria verdade, carrega, juntamente com o fluxo abissal da sinceridade, vagas de solidão depurada. Compõem-se memórias para apagar o isolamento; no processo de feitura da escrita cortam-se os nexos convencionais com o mundo; recuperando-se, assim, num patamar superior, a essência mais profunda da vida, porque a solidão que a caracteriza foi filtrada. Sai-se, portanto, de um ponto, e a ele se retorna, reconciliando-se com a grandeza universal da existência, na eternidade da sua pureza.

As memórias, então, significam um longo processo de imersão característica no passado, cujo ponto terminal é a infância, enquanto repositório das promessas irrealizadas, momento incorruptível da vida e dimensão irredimível da existência. O memorialista é o homem que ousa empreender solitariamente essa viagem repleta de percalços, movido pela crença do canto primal, apoiado pela ilusão de deparar-se com a transparência do ser, antes do toque viciado do mundo. As memórias são, ao mesmo tempo, a criação de um abrigo para as desventuras; através delas reencontram-se as origens, descansa-se no corrimão da vida: "Manoel Bandeira, que era amigo do rei, ia-se embora pra Pasárgada. Ai! de mim, sem rei amigo nem amigo rei, que quando caio no fundo da fossa, quando entro no deserto e sou despedaçado pelas bestas da desolação, quando fico triste, triste ("... Mas triste de não ter jeito...")

só quero reencontrar o menino que já fui. Assim, quantas e quantas vezes viajei, primeiro no espaço, depois no tempo, em minha busca, na de minha rua, na de meu sobrado...".¹¹ Na recuperação da infância, percebe-se a fuga em relação às circunstâncias existenciais, nota-se o descontentamento frente ao vivido, entrevê-se o aparecimento do bálsamo das lembranças. Voltamos para os primeiros anos, procurando afastar-nos de um meio social com cujos princípios não compartilhamos, numa espécie de restauração do período de onde brotaram as nossas recordações mais pessoais.¹² O memorialismo, assim entendido, possui o significado, dentre tantos outros, do descontentamento com o presente. Ora, queremos preservar o passado, apenas quando os dias atuais afiguram-se, aos nossos olhos, como altamente lesivos em diversos sentidos. Daí, essa vontade de preservação, esse saudosismo, essa procura tenaz do tempo primitivo. Como nessas palavras: "Paracatú progride, é inegável, e eu observo com certa tristeza. Felizmente a Matriz e o Rosário estão tombados (preservados) pelo serviço do Patrimônio Histórico. Dentro de poucos anos nada mais restará da antiga vila colonial a não serem essas igrejas, mudas e silenciosas testemunhas do grande passado extinto".¹³

O memorialismo mineiro tem marcada tendência universalizante, apesar dos seus fios tecidos na nostalgia do passado. Há, mesmo, nas obras autobiográficas dos mineiros, uma vontade expressa de conformar perfis universais: "Em meu O Menino da Mata e seu Cão Piloto descrevo os tipos eternos, os paradigmas, as matrizes, dos quais todos os outros, que depois topei na vida, na dura caminhada empreendida, não são senão meras cópias aumentadas, *posters*, ampliações caprichadas, cheias de sofisticação. Se as minhas tiveram sorte, ... então com elas acontecerá, o mesmo que sucedeu a Chichikov, o personagem de Gogol, que espanta o mundo até hoje por suas patuscadas, a compra das 'almas-mortas', e que gostará de possuir a centésima parte das qualidades de Pavel Ivánovich, todas criaturas de Deus, que habitavam a aldeia em que viveu o grande romancista russo, e hoje povoam a alma das pessoas sensíveis no mundo inteiro ... Quantas e quantas vezes, não só na vida ... deparei, exatamente, os personagens que descrevo em O Menino da Mata. Vi às centenas, através de Cervantes, Swift, Turgueneff, personagens iguaizinhos aos que fruímos na leitura. Daria Mikhailovna, ou Dimitri Nikolalvitch Rudine".¹⁴ Aqui, procura-se a identificação explícita entre as figuras interioranas da

Região da Mata mineira, com personagens da literatura universal. Dessa forma, a concepção universalizadora das pessoas e do universo retratado foi, conscientemente, pretendida.

A percepção do *modus-faciendi* das memórias e do impulso inicial das lembranças acham-se clarificados no decurso do próprio processo elaborativo. Assim, o gênero memorialístico, se é fluido do ponto de vista do enquadramento¹⁵ possui uma dimensão originária consciente. O que não permanece manifesto são os motivos desencadeadores das recordações: “o conjunto de tudo isto, a amálgama desse passado só me invade integralmente coesa, ao estímulo das impressões casuais e raras que funcionam para a memória como ponto crioscópico. Um cheiro de asfalto quente à primeira pancada de chuva, um pregão cortando os ares. . . Como uma solução pesada os sais se cristalizam na exatidão sem fissura do poliedro. A vida presto se coagula, um instante estala (como banda de cinema em máquina de projeção enguiçada) e amanhece novamente”.¹⁶ O poder de fazer renascer o passado e torná-lo o presente, subjaz, pois, na escuridão insondável da reminiscência. “Isto que ficou dos que se foram, e que não foi. Oh a melodia nítida se ouvindo, na viola há muito recolhida. A mão rugosa, brincando numa rosa, tão suave, a mão e a rosa, na ilusão do vento. Saudade objetiva e subjetiva. Que me eterniza amor”.¹⁷

As memórias, se são instrumentos de autopreservação e se desdobram na possibilidade de conferir relevo social a seus autores, quando bem trabalhadas, manifestam aquela ambigüidade e abertura, próprias das obras realmente seminais. Nessa vertente, aloja-se a densa produção proustiana, brotada da reminiscência do tempo e das viagens por espaços já vividos: “Assim, quando acordava no meio da noite, e como ignorasse onde me achava no primeiro instante nem mesmo sabia quem era; tinha apenas, na sua singeleza primitiva, o sentimento da existência, tal como pode fremir no fundo de um animal; estava mais desaperecebido que o homem das cavernas”.¹⁸ Mas após esse desprendimento fugidivo do pensamento em relação a ocorpo, espouca a memória como se flutuasse suavemente por espaços e tempos passados: “Mas aí a lembrança — não ainda do local em que me achava, mas de alguns outros que havia habitado e onde poderia estar — vinha a mim como um socorro do alto para me tirar do nada de onde não poderia sair sozinho; passava num segundo por cima de séculos de civilização e a imagem confusamente entrevista de lampiões de querosene, depois de camisas

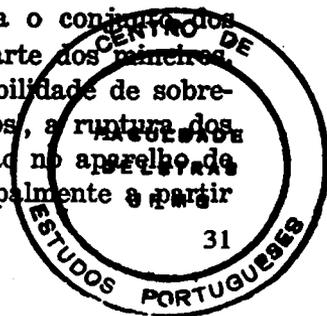
de gola virada, recompunham pouco a pouco os traços originais do meu próprio eu".¹⁹ A recuperação do eu pressupõe rememorar a presença indelével dos outros. Quando isso ocorre, configura-se a memória, enquanto uma operação eminentemente coletiva e aí, e tão somente aí, reconciliamo-nos conosco e até com o nosso próprio corpo: "Sua memória, a memória de suas costelas, de seus joelhos, de suas espáduas, lhe apresentava sucessivamente vários dos quartos onde havia dormido, enquanto em torno dele as paredes invisíveis, mudando de lugar segundo a forma da peça imaginada, redemoinhava nas trevas... e meu corpo, o flanco sobre o qual eu repousava, fiel zelador de um passado que meu espírito nunca deveria esquecer, me recordava a chama cristal da Boêmia, em forma de urna suspensa do teto por leves correntes, a lareira de mármore de Viena, no meu quarto de dormir, em Combray, na casa de meus avós, em remotos dias que naquele instante eu julgava atuais...".²⁰ Através da experiência da recordação, readquirimos, pois, a nossa condição de seres sociais e imersos na história, que vivenciaram um passado, de onde auferiram os elementos integrantes da memória. A memória tem, portanto, "uma função coletiva".²¹

O memorialismo mineiro entrelaça-se intimamente com esse apego à riqueza da história de Minas e até às particularidades geográficas do Estado. O magnetismo de Minas sobre seus filhos aparece no culto à sua paisagem e no reconhecimento da sua força modelar: "De Minas toda de ferro pesando na cabeça, vergando os ombros e dobrando os joelhos dos seus filhos".²²

Do solo calcário nasceram os mineiros, das "montanhas inteiras de ferro. Valados e socavões atulhados de ouro. Ouro de todo jeito... Solo imantado, metálico,... que segurou firmemente o pé errante dos paulistas... Ficaram na terra e foram-fomos! — ficando mineiros...".²³ Esses liames com a terra definem a centralidade da vida nos laços irrefreáveis com o passado: "Minhas calças cresciam. Minha mãe denunciou que eu tinha de partir, era preciso cumprir a estrada ganga crescendo para o leste. Enrosquei os braços na mangueira do quintal, o visgo da solidão ante-sofrida era a fôrça que eu tive, e que não tinha. E a mesma fôrça soluçou (na voz que me orvalhava) o necessário de partir: além dos olhos a estrada ganga se recompunha estrada, por onde esperam os horizontes móveis".²⁴ A partida e o exílio, parte integrante da história dos mineiros, subjazem nas suas memórias e expressam-se nesse agarramento ao solo.²⁵

Se a conformação do relevo e o humus da terra são vistos pelo ângulo particularizador, a crença de possuir-se uma história dotada de eventos superiores, enaltece esses memorialistas que se definem, sobretudo, como mineiros. "O caminho Novo das Minas, além de caminho comercial, econômico, estratégico e político, é a estrada violenta e dolorosa do ouro, do quinto, da capitação, dos registros, do fisco... o que viu descerem os Inconfidentes em ferros. Via gloriosa, via dolorosa do mineiro — com as estações da sua paixão".²⁶ O fluir dos momentos marcantes de Minas pelo Caminho Novo confere-lhe grandeza incomum e, por analogia, estabelece-se conexão entre a paisagem e a história. Concomitantemente, a valorização dos mineiros encontra-se ligada às características sólidas e altas do solo de Minas: "Era desses amigos de cem anos, como temos em Minas Gerais... Zezé pertencia àquela raça dos jequitibás da montanha: sólidos, plácidos, árvores que nos trazem, mais que admiração, o sentimento de confiança".²⁷ Nesses termos, o culto do passado de Minas caminha ao lado do reconhecimento da alta envergadura dos mineiros. Através das lembranças prefiguradas na memória, os homens reproduzem situações por eles vividas e acham-se convencidos da sua exatidão, e assim, atribuem a elas uma desproporção e um valor, que não possuíram de fato.²⁸ O resultado final de todas essas operações resulta num permanente inventário da tradição que, de tão perseguido, faz desconfiar sobre o seu veraz poder. E de fato, "o culto do passado, longe de ligar os corações dos homens à sociedade, os desprende".²⁹ Por isso, o exagero no afago de episódios e de pessoas que passaram, pode ser sintoma de desenraizamento social e de tentativa de recuperação da identidade remetida aos tempos pretéritos. O exílio, aliás, joga papel significativo nesses casos.

O espectro do exílio está sempre no encaço dos mineiros. Em verdade, de de a decadência da mineração, a diáspora mineira subsequente recolocou o problema do afastamento do local de nascimento. Nas décadas posteriores, e até no próprio século XX, os geralistas viam-se compungidos a abandonar o seu Estado e a tentarem sobreviver em outras plagas. Se é certo que os motivos da migração não foram sempre os mesmos para os conterrâneos dos 'exilados', não há dúvida de que, para a maior parte dos mineiros, a partida para novas regiões prende-se à impossibilidade de sobrevivência na sua terra de origem. Para os 'letrados', a ruptura dos laços natais esteve fortemente conectada à imersão no aparelho de Estado, absorvidos que foram pelo regime, principalmente a partir



dos anos 30.³⁰ Há ainda, aqueles que sempre tiveram os olhos voltados para fora, como é exemplo Murilo Mendes: "Ainda menino eu já colava pedaços da Europa e da Ásia em grandes cadernos. Eram fotografias de quadros e estátuas, cidades, lugares, monumentos, homens e mulheres ilustres, meu primeiro contato com um futuro universo de surpresas ... Cedo começou minha fascinação pelos dois mundos, o visível e o invisível".³¹ Em quaisquer dos motivos, todavia, o apartamento do universo originário significava a inexistência de condições econômicas, sociais e culturais, capazes de satisfazer às aspirações desses seres.

Se a carreira pública "permitiu aos herdeiros dos ramos empobrecidos da classe dirigente resgatar o declínio social a que se viam condenados assumindo diferentes tarefas na divisão do trabalho de dominação",³² inseriu, no plano do desejo, certa sensação de deslocamento e de irrealização pessoais. Talvez por isso, "quase toda a literatura brasileira, no passado como no presente, é uma literatura de funcionários públicos".³³ Pensamos que o memorialismo, tão praticado pelos mineiros, resulta, em grande parte, da impressão permanente de marginalidade social.

A produção de obra memorialística, se floresce, certamente, no terreno da procura de posição social e intelectual proeminente,³⁴ amarra-se, no nível propriamente expressivo, ao saudosismo e até à melancolia. Para o escolástico Alberto Magno, o temperamento mais propício às memórias é aquele povoado pela "melancolia secoquente à melancolia intelectual".³⁵ Para nós interessa, sobretudo, compreender o porquê de uma realidade social criar situações para a emergência do memorialismo.

As condições históricas de Minas, geradoras de um ritmo lento do tempo e criadora de todo um universo social, que tende para a preservação de laços societários imediatos, podem gestar, do ponto de vista dos agentes, certa tendência à valorização do passado, uma vez que não surgem novas situações históricas capazes de absorvê-los e integrá-los em outro tecido social. Para além disso, a flutuação da classe dominante — dada a permanente sombra de decadência — se promove a necessidade de exílio, até por motivos compensatórios (nítidos naqueles que ocupam postos no funcionalismo público), recria um imaginário do saudosismo denso. Muito provavelmente, o fato de esses memorialistas identificarem-se sobretudo como mineiros, está conectado à fluidez de virtualidades não configuradas. A desilusão absoluta faz nascer manifestações negadoras do passado

e afirmadoras do presente e do futuro. A saudade, ao contrário, é sempre um sentimento que brota da consciência do vivido, da importância que se atribui aos eventos desenrolados antes. Enquanto afirmação de um passado, as lembranças benéficas implicam uma certa projeção para o futuro. O saudosismo só afasta, em definitivo, o presente, quando nele coabitamos com a ausência e aí localizamos as nossas desventuras. Por isso, os memorialistas encaram a infância e a juventude como os momentos privilegiados das suas vidas. Neste tempo de esperanças fecundas residem as suas valorizações; nesta época de vida imaculada, tremulam todas as promessas e convivem todas as benesses. Por isso, a família adquiriu importância fundamental, transformando-se no elemento mediador entre o memorialista e o mundo por ele retratado. Desse modo, através das memórias, emerge uma visão socializada da família e obscurecem-se as mudanças sociais que alteram a sua feição, ao emergirem confundidas as diferentes gerações.³⁶ A família fica preservada como num instantâneo fotográfico, sem que se dê conta do seu tom, já há muito, descorado.³⁷

O memorialismo, assim caracterizado, tende a reproduzir uma concepção de mundo repleta de tradicionalismo e, comumente, conservadora. De fato, se observamos as memórias escritas pelos mineiros, veremos saltar toda uma recriação positiva das cidades do interior. Existe mesmo um processo extremamente acentuado de edenização dos pequenos espaços urbanos e da vida rural. Nesses termos, esses livros de memórias guardam profunda homologia com o universo social de Minas, cujo desenvolvimento deu-se no transcurso do século XIX. As obras profundamente enraizadas nessa realidade compõem a categoria das memórias predominantemente locais.³⁸ Haveria ainda aquelas de feitio estritamente pessoal, isto é, as memórias de cunho confessional.³⁹ Ao lado delas, agrupam-se os livros que estropeiam o mundo interiorano ou a exclusiva confissão: e que são as memórias de dimensão universalizante.⁴⁰ É importante salientar que, mesmo nos dois primeiros grupos, raramente a preocupação com o geral encontra-se de todo ausente. Nesse passo, cabe indagar-se sobre as condições sociais que tornaram possível, a uma realidade tão restrita, a produção de memórias que tracejam problemáticas universais. De imediato pode-se afirmar que há uma incorporação especial do sentido do tempo, que ao se combinar com os traços históricos fundamentais de Minas, faz originar o vezo pelo universal.

Para quem escreve memórias, a dimensão temporal é imprescindível. As memórias nascem, portanto, da impregnação do tempo passado e da consciência de uma época vivenciada intensamente sob a sensação do não retorno, por mais que ela se faça presente no âmbito do imaginário. Todavia, uma coisa é conceber uma estrutura narrativa definida na linearidade temporal, e outra, bem diferente, é deixar mesclarem-se as várias grandezas do tempo.⁴¹ As memórias do Pedro Nava são exemplares nesse sentido, chegando a explicitar a imbricação dos tempos: “O passado e o presente não são coisas estáveis tornadas interpenetráveis pela memória que arruma e desarruma as cartas que vai embaralhando. O passado não é ordenado nem imóvel — pode vir em imagens sucessivas, mas sua verdadeira força reside na *simultaneidade* e na *multiplidade* das visagens que se depõem, se dessarranjam, combinam-se umas às outras e logo se repelem, construindo não um passado mas vários passados... Vão e vêm segundo as solicitações da *realidade atual* — também fictícia porque sempre em desgaste e capaz de instituir contemporaneidade com o passado, igual à que pode estabelecer com o futuro — tornando de vidro as barreiras do tempo”.⁴² Da coexistência na obra dos diversos momentos do tempo, emerge um estilo de narração altamente complexo, onde a ordem de aparecimento dos acontecimentos foge à cronologia e apoia-se na reminiscência. “Um as imagens puxam as outras e cada sucesso entregue assim devolve tempo e espaço comprimidos e expande, em quem evoca essas dimensões, revivescências povoadas do esquecido e pronto para renascer... às vezes não adianta violentar e *querer* lembrar. Não vem. A associação de idéias parece livre, salta, mas há uma coação que a compele e que também nos defende... Somos conduzidos pela preferência do espírito que é fuga, distração, descanso lúdico... Ave solta”.⁴³ Rompe-se, assim, a pretensão do relato verídico e, principalmente, a convenção temporal. As memórias possuidoras do pendor universalizante, *perdem a dimensão temporal, mas assumem a temporalidade*.

As memórias de Murilo Mendes são exemplos expressivos dessa tendência de abandono do temporal, em nome da temporalidade. Senão vejamos: “As pitangas temporãs. O tempo temporão. O tempo-será. As temporãs do tempo. O tempo da onça. As temporas da onça. O tampão do tempo. O temporal do tempo. Os tambores do tempo. As mulheres temporãs. O tempo atual, superado por um tempo de outra dimensão, e que não é aquele tempo. Temporizemos”.⁴⁴ Explicita-se, nessa passagem, a incorporação da tempo-

ralidade e não da cronologia temporal, temporalidade que se torna ainda mais visível, quando pensamos as memórias de Murilo Mendes no conjunto. De fato, a Juiz de Fora pintada em *A Idade do Serrote* perdeu a concretude do retrato ao adquirir a dimensão etérea do devaneio.⁴⁵ Para além disso, a ordem narrativa ao perder a característica temporal, organiza-se em torno da reminiscência que, por sua vez, combina lembranças do passado com reflexões atuais sobre o sentido dos acontecimentos da vida. Quando se refere a um caso de amor da sua juventude, rememora-o, da seguinte maneira: “Teresa tinha ciúmes, eu chamava a lua de Sílvia, certas moças de estrélas. Também eu era ciumento: alguns rapazes disputavam-me Teresa. À sua aspiração termômetros masculinos subiam. Atrás de mim já me espreitavam certas poesias, prontas para me apunhalar. A tensão lírica igualava a tensão física. O mêdo, excitando-nos, queimava-nos. Súbitamente comecei a compreender que eu fazia também um pouco de teatro. Mas não é o amor uma representação teatral?”⁴⁶ Nesse sentido, o constante trânsito da reminiscência para a autoreflexão faz aparecer um tipo de memória, cujo caráter de relato do vivido desapareceu, abrindo espaço para a emergência da temporalidade.

Não é casual, que essas autobiografias, como argutamente observou Antonio Candido, por estarem ligadas à linguagem literária, expressam um amálgama entre experiências e valores universais.⁴⁷ Para o autor de *Formação da literatura brasileira*, essa tendência do memorialismo mineiro persiste indelevelmente incrustada em certas manifestações literárias de Minas.⁴⁸ “É o caso da combinação freqüente entre, de um lado, o gosto pela confidência e a fixação quase obsessiva pelo lugar de nascimento; de outro, o desejo de traduzi-los em termos que os arranquem das condições particulares em que foram gerados, para lhes dar uma espécie de intemporalidade, pelo desvinculamento em relação ao local e individual”.⁴⁹ Esse enleio contraditório nascido da combinação entre o sentimento atávico e o desprender-se dele, encontra-se ao nosso ver, profundamente embricado na história mineira.

A história de Minas, como vimos, assentou-se sobre duas dimensões temporais nítidas: a primeira vigiu durante o período minerador e estava conectada aos movimentos gerais da sociedade européia; a segunda, após a decadência da mineração, criou um tempo histórico modorrento que, no plano da sociedade, fez emergir um quadro societário dominado por relações imediatas e que tendiam a se preservar. Desse modo, o movimento histórico de Minas

caminhou no sentido oposto à acumulação, pois saiu de um vívido contexto urbano para um universo dominado por pequenas cidades e, principalmente, pela zona rural. Todavia, a vida social de Minas oitocentista, no seu todo, não floresce do terreno da decadência e da estagnação. Apesar da letargia do tempo histórico, a sociedade que se seguiu à era da extração dos metais, não recriou o declínio, pois apoiou-se em outros princípios organizacionais. Por isso, a história de Minas não conviveu apenas com duas temporalidades, mas, sobretudo, teve o seu momento de maior dinamismo no passado. Se dessa junção particular pôde, segundo as linhas da nossa análise, vicejar o pensamento mítico, também nela reside, ao lado de outras, as explicações para o caráter local e universal das memórias.

O tempo mítico é abstrato e ahistórico exatamente por confundir presente, passado e futuro. O memorialismo que flui das reminiscências também os mistura. Assim, haveria certa homologia entre a construção mítica e o memorialismo de pendor universalizante. Ambos compartilham de uma certa vontade de preservação do passado, fortemente marcada no mito e nuançada nas memórias. O mito, ao parar o tempo, promove a identidade abstrata dos homens e os memorialistas repousam-se nas imagens formadas nas visões do passado, de onde sorvem os seus princípios identificadores. Também eles compactuam da idéia de que “a imobilidade das coisas que nos cercam talvez lhes seja imposta pela nossa certeza de que essas coisas são elas mesmas e não outras, pela imobilidade de nosso pensamento perante elas”.⁵⁰ Mito e memória desenvolvendo, de forma correlata, vocação para fixar o passado, adquirem dimensões ritualísticas.⁵¹ A ritualização mítica manifesta-se em momentos convencionais ou de formalização explícita e, no memorialismo, na revivescência ritualizada do passado. Essa tendência a imobilizar o passado confere à memória estado de pureza, enquanto sorvedouro da história na vacuidade do tempo, apoiado na reminiscência.

Sinto o tempo passado em cada pedra que piso
o passado me envolve, paio sobre as
igrejas e assisto à ressurreição dos mortos.
Sou apenas memória.⁵²

Assumir integralmente a memória significa romper as barreiras do tempo, articular o passado ao presente, tal como os mitos que são voltados para as origens, de onde retiram os princípios da iden-

tidade. Deixar-se permear pelo passado pressupõe o estabelecimento com o mesmo, de total empatia, erigindo-se em responsável pela identidade do agente. O imaginário memorialístico, nessas condições, inclina-se para a supervalorização daquele quotidiano, promovendo a fixidez do tempo. Nas palavras de Emílio Moura “a mitização da vida cotidiana, dos objetos familiares enriqueceu tempo e meu espaço, tirando-me o apetite para os trabalhos triviais”.⁵³ A banalidade quotidiana foi então ultrapassada, aprisionada pelo pensamento mítico. Dessa forma, esse tipo de memória começa a operar de maneira semelhante à reflexão mítica, onde se insinuam os arquétipos construtores do imaginário.⁵⁴

No memorialismo mineiro, tais dimensões, como vimos, estão muito presentes, podendo, até mesmo, nutrir-se das concepções forjadas sobre Minas. Daí, os livros correspondentes apresentarem algum parentesco com *A la Recherche du temps perdu*, a obra-prima do gênero, criadora da “nova memória romanesca, por recolocar a cadeia “mito-história-romance”.⁵⁵ Talvez, por essa razão, as memórias possuam “faculdade épica por excelência”,⁵⁶ uma vez que nas epopéias o tempo passado e as reminiscências são categorias fundantes.⁵⁷

Caberia, além do mais, estabelecer conexões entre o mito construído sobre a história de Minas, — possuidor de pretensões explicativas para o conjunto da história brasileira — e o memorialismo de caráter universalizante. A mineiridade adquire certa dimensão épica, por apoiar-se no imaginário tecido sobre o destino dos incondidentes. Em contrapartida, o gênero memorialístico, cuja natureza épica lhe é inerente, parece forma adequada de atualização e aquisição desse imaginário.⁵⁸ O equacionamento entre o memorialismo mineiro e a história de Minas passa, portanto, pela virtualidade da incorporação mítica do passado, mas também pela viabilidade de mantê-lo vivo na memória. Essas condições ocorreram em Minas. De um lado, todo um passado suscitador de devaneios e provedor da seiva alimentadora do imaginário, de outro, um tempo histórico titubeante para promover transformações, rupturas, projetos integradores.⁵⁹ Virtualmente, essa sociedade enseja a probabilidade da cristalização do passado que, ao combinar-se com a situação social da classe dominante ligada a unidades produtivas pouco dinâmicas, suscita a produção de memórias. O memorialismo mineiro, na procura do lugar perdido, pôde esculpir trajetórias universais.

NOTAS

1. «Mesmo quando o boom do café atingiu seu apogeu, a fazenda, o sítio, a roça de subsistência, e a fazenda de gado, não a plantation, formou o coração e o volume da vida econômica». MARTINS, Roberto Borges. Slavery in a Nonexport Economy: Nineteenth Century Minas Gerais Revisited. *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 63, 3, 1983, p. 559.
2. Antonio Candido analisa 3 exemplos de autobiografias (Drummond, Murilo Mendes e Nava) onde as dimensões ficcional e poética encontram-se mescladas. MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. A autobiografia poética e ficcional na literatura de Minas. *IV Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte, Edições do Cinquentenário da UFMG, Imprensa Universitária, 1977. p. 41-67.
3. DIAS, Fernando Correia. O prisma de Nava. In: *Líricos e Profetas. Temas de vida intelectual*. Brasília, Thesaurus Editora, 1984. p. 68.
4. «E essa impressão é que teriam sentido todo tempo os naturais de Diamantina conferindo-lhe aquele cunho de ser uma das cidades mais portuguesas e marítimas de Minas — já em Mariana, Ouro Preto, Sabará, São João e São José D'El Rei mantêm mais nítido um caráter que lhes foi dado pelas épocas Filipinas: São burgos mais espanhóis que lusíadas». NAVA, Pedro. *Galo das Trevas*. Memórias V. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1981. p. 444-445.
5. NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*. Memórias I. 7ª ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1984. p. 206-207.
6. RANGEL, José. *Como o tempo passa...* Rio de Janeiro, A Encadernadora S/A, s/d. p. 4.
7. Antonio Candido chama a atenção para a tendência universalizadora do memorialismo mineiro: «...depois de *Marília de Dirceu*, tomemos *Minhas recordações* como exemplo da capacidade mineira de inserir o eu no mundo; de mostrar os aspectos mais universais nas manifestações mais particulares, — num avesso de autobiografia estritamente individualista do tipo Nabuco, cujo interesse diferente está em reduzir o geral à contingência do particular». MELLO E SOUZA, op. cit., p. 44-45.
8. NAVA, Pedro. *Beira Mar*. Memórias IV. 2ª ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1979. p. 198.
9. NAVA, Pedro. *Beira Mar*. Memórias IV, cit., p. 198.
10. Idem, p. 198-199.
11. NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*, cit. p. 340.
12. Conforme, HALBWACHS, Maurice. *La Mémoire Collective*. Paris, Presses Universitaires de France, 1950. p. 57.

13. MELO FRANCO, Afonso Arinos de. *A alma do tempo*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1979. p. 261.
14. MOREIRA, Vivaldi. *O Menino da Mata e seu Cão piloto. Memórias Sincopadas*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1981. p. 14 e 15.
15. A partir de uma tentativa de enquadramento das Memórias, empreendida por Wilson Martins, pode-se perceber a extrema heterogeneidade dessas obras literárias. MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Vol. VII (1933-1960). São Paulo, Editora Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p. 400.
16. NAVA, Pedro. *Balão Cativo*. Memórias II. 4ª ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986. p. 251.
17. NEVES, Libério. *Pequena Memória de Terra Funda*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1971. p. 33. Este livro constitui-se num exemplo vivo do cruzamento entre a linguagem poética e ficcional.
18. PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido. No Caminho de Swann*. Tradução portuguesa. 8ª ed. Porto Alegre, Editora Globo, 1983. p. 13.
19. PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido. No Caminho de Swann*, cit., p. 13.
20. Idem, p. 13 e 14.
21. HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris, Librairie Félix Alcan, 1925. p. 392.
22. NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*, cit., p. 19.
- 23.. Idem, p. 122.
24. NEVES, op. cit., p. 78.
25. «Enraizava-se em mim o amor da terra.
.....
Daí este desejo
de repousar a fronte encanecida
na poeira do teu solo e adormecer chorando,
.....
Daí este desejo
de revocar as sombras do passado».
RESENDE, Enrique. *Estórias e Memórias*. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica Editora, 1970. p. 81-82.
26. NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*, cit., p. 144.
27. MELO FRANCO, op. cit., p. 1043.
28. Conforme HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*, cit., p. 154.
29. Idem, p. 151.
30. Para uma análise das relações entre os intelectuais e o Estado, ver o penetrante estudo de MICELI, Sérgio. *Intelectual e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1979.

31. MENDES, Murilo. *A Idade do Serrote*. Rio de Janeiro, Editora Sabiá, 1968. p. 170.
32. MICELI, op. cit., p. 133-134.
33. ANDRADE, Carlos Drummond de. A Rotina e a Quimera. Passeio na Ilha. In: *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro, Aguilar Editora, 1973. p. 242.
34. Sobre a relação entre o memorialismo e a busca de relevo social e intelectual, ver MICELI, Sérgio. *Poder, Sexo e Letras na República Velha (Estudo Clínico dos Anatolianos)*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1977.
35. Conforme LE GOFF, Jacques. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi*. Volume I, *Memória-História*. Trad. port. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. p. 32.
36. Nesses casos, «eu não estaria mais tão longe deles, porque meus pais não estão mais tão longe de mim... as diferenças ou as semelhanças entre as gerações que logo se repelem... e se afastam uma da outra, logo se juntam e se confundem». HALBWACHS, Maurice. *La Memoire Collective*, cit., p. 56.
37. Bourdieu analisou o álbum de família como elemento de integração. Cf. BOURDIEU, Pierre. *Un Art Moyen. Essai sur les Usages Sociaux de la Photographie*. Paris, Minuit, 1965.
38. BARROS, J. Wanderley C. *Memórias de um prefeito do interior*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1979; LIMA, Renato Augusto de. *Memórias de um delegado de polícia*. Belo Horizonte, 1972; PEQUENO, Waldemar. *Um advogado aí pelos Sertões*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1966; RANGEL, José. *Como o tempo passa...* Rio de Janeiro, 1940; SANTOS, Luiz Gonzaga dos. *Memórias de um carpinteiro*. Belo Horizonte, Editora Bernardo Álvares, s/d.; VASCONCELLOS, Salomão de. *Memórias de uma república de estudantes*. Belo Horizonte, s/d.
39. ALMEIDA, Marlia Stella Vargas de. *Pesadelo que Dura...* Juiz de Fora, ESDEVA, 1984; ARNO, Ciro. *Memórias de um estudante*. 2ª edição, 1885-1906; ARREGUY, Maria da Glória D'Avila. *Memórias de uma professora*. Belo Horizonte, 1956; BENEDITA, D. *Memórias de uma professora primária*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1970; BRAGA, Belmiro. *Dias idos e vividos*. Rio de Janeiro, Oficina Gráfica Renato Americano, 1936; DIAS, Rodrigues. *Recordações dos tempos idos. Renovar... é viver*. Belo Horizonte, Editora São Vicente, s/d.; CAPANEMA, José. *Oh! Dias da minha infância!* Editora Littera Maciel, 1979; CARVALHO, Daniel. *De outros tempos*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, s/d.; CARVALHO, Daniel. *Capítulos de memórias*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1957; GUIMARAES, Honório. *Por lareiras onde me aqueci ou Romance da minha vida*. Belo Horizonte, Gráfica Breiner, 1945; RACHE, Pedro. *Homens de Ouro Preto. Memórias de um estudante*. Rio de Janeiro. A Coelho Branco Filho Editor, 1954; RESENDE, Antônio de Lara. *Memórias. De Belo Vale ao Caraça*. Belo Horizonte, Edição do Autor, 1970; RESENDE, Antônio Lara. *Da Serra do Caraça à Serra do Véu de Noiva*.

- Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1972; RESENDE, Enrique de. *Estórias e Memórias*. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica Editora, 1970; RIBEIRO, Arinos. *Memórias de um mineiro sexagenário*. São Paulo, Editora Martins, s/d.; RIBEIRO, Firmino Matias. *Memórias de um lavrador farmacêutico*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1975.
40. CARDOSO, Lúcio. *Memórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970; MACHADO, Paulo M. *Menino Feliz*. Belo Horizonte, Edições Movimento Perspectiva, 1965; MELLO FRANCO, Afonso Arinos. *A Alma do tempo*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1983; MENDES, Murilo. *A Idade do Serrote*. Rio de Janeiro, Editora Sablá, 1968; MOREIRA, Vivaldi. *O menino da mata e seu cão piloto*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1981; MORLEY, Helena. *Minha Vida de menina*. 7ª edição. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1963; NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*. 7ª edição. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983; NAVA, Pedro. *Balão Cativo*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1974; NAVA, Pedro. *Chão de Ferro*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1976; NAVA, Pedro. *Beira Mar*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1978; NAVA, Pedro. *Galo das Trevas*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1981; NAVA, Pedro. *O Círio Perfeito*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983; NEVES, Libério. *Pequena memória de Te Terra Funda*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1974.
 41. Quando as memórias não diferenciam as dimensões temporais, elas adquirem o caráter narrativo, pois na narrativa «o momento presente não é original, mas repete ou anuncia instantes passados e futuros». TODOROV, Tzatan. *As Estruturas Narrativas*. Trad. port. 2ª ed. São Paulo, Editora Perspectiva, 1970. p. 22.
 42. NAVA, Pedro. *Balão Cativo*, cit., p. 365.
 43. NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*, cit., p. 344.
 44. MENDES, Murilo. *A Idade do Serrote*, cit., p. 9 e 10.
 45. Conforme MELLO E SOUZA, op. cit., p. 51.
 46. MENDES, op. cit., p. 147.
 47. Conforme MELLO E SOUZA, op. cit., p. 68.
 48. *Idem, Ibidem*.
 49. *Idem, Ibidem*.
 50. PROUST, op. cit., p. 13.
 51. Sobre a relação entre ritualismo e memória ver: LE GOFF, op. cit., p. 26. «A *anamnesis* (reminiscência) é uma espécie de iniciação como a revelação de um mistério». BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos*. São Paulo. T. A. Queiroz Editor, 1979, p. 48. Também os ritos pressupõem a iniciação onde a natureza do cerimonial é revelada.
 52. MOURA, Emílio. *Ouro Preto*. Apud NAVA, Pedro. *O Círio Perfeito*. Memórias VI. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983. p. 369.

53. *Idem*, p. 162.
54. Sobre a presença dos arquétipos no imaginário ver: DURAND, Gilbert. *Les Structures Anthropologiques de l'imaginaire. Introduction à l'archétypologie générale*. 10ª ed. Paris, Dunod, 1984.
55. LE GOFF, op. cit., p. 43. Também Antonio Candido aponta para as afinidades entre a obra de Pedro Nava e a de Proust. MELLO E SOUZA, op. cit., p. 57.
56. BOSI, op. cit., p. 48.
57. Lukács estabeleceu relações entre o tempo épico e as recordações:
 LUKACS, Georg. *Teoria do Romance*. Tradução portuguesa. Lisboa, Editorial Presença, s/d. *Grande Sertão: Veredas* do mineiro Guimarães Rosa é, provavelmente, o romance da literatura brasileira cuja dimensão épica foi melhor realizada.
58. Aquisição e atualização são, para Florès, as relações fundamentais da memória e que se manifestam em «*Conduitas observáveis* separadas por um intervalo temporal de duração variável». FLORÈS, César. *La Mémoire*. 4ª ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1982. p. 5.
59. Uma boa expressão da lentidão do tempo em Minas, encontra-se nessas palavras de Helena Morley: «Durante o dia não precisávamos de relógio... temos a corneta do quartel, que toca até nove horas. Depois dessa hora o relógio de mamãe e o galo que não regula muito bem. Já nos tem pregado boas peças... Antigamente eu acreditava na hora do galo porque, na Boa Vista, a gente pergunta a hora a um mineiro, ele olhava para o sol e diz... Por isso eu pensava que o sol marcava a hora durante o dia o galo durante a noite». MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1963. p. 77-78.